

Sobre a tradição e a transformação em arquitetura: as aldeias da Beira entre a Freita e Montemuro

Miguel Reimão Costa (mrcosta@ualg.pt)
Universidade do Algarve. Ceaucp/Cam. Portugal

Resumo

As aldeias de montanha têm sido marcadas, no último meio século, por um processo de transformação profunda que se inscreve num quadro de forte recessão demográfica e de falência das economias rurais tradicionais. A esta transformação tem correspondido uma significativa diversidade de situações que poderá ser perceptível no interior de um mesmo núcleo ou resultar evidente da comparação de aldeias mais ou menos próximas com características bastante diferenciadas. Pretende-se retomar aqui a discussão em torno “às arquiteturas que celebram ou esconjuram a história e a tradição”, procurando reconhecer as diferentes circunstâncias que marcam a transformação dos aglomerados tradicionais, considerando o abandono de muitos conjuntos edificados, a reconstrução de outros, os modelos e tipologias características da emigração, a valorização do património e o propósito da sua conservação ou a reinvenção de uma tradição, por vezes, com recurso a elementos insólitos na arquitetura vernacular. Os aglomerados que consideraremos a este propósito localizam-se numa área que se estende dos planaltos da Freita às vertentes meridionais de Montemuro, passando pelas serranias da Arada e de São Macário, correspondendo aos territórios de montanha do norte da Beira que, no interflúvio entre Vouga e Douro, marcam a transição do espaço atlântico para o espaço transmontano.

Palavras-chave

Territórios de montanha, arquitetura tradicional, casa do emigrante, desertificação, conservação do património

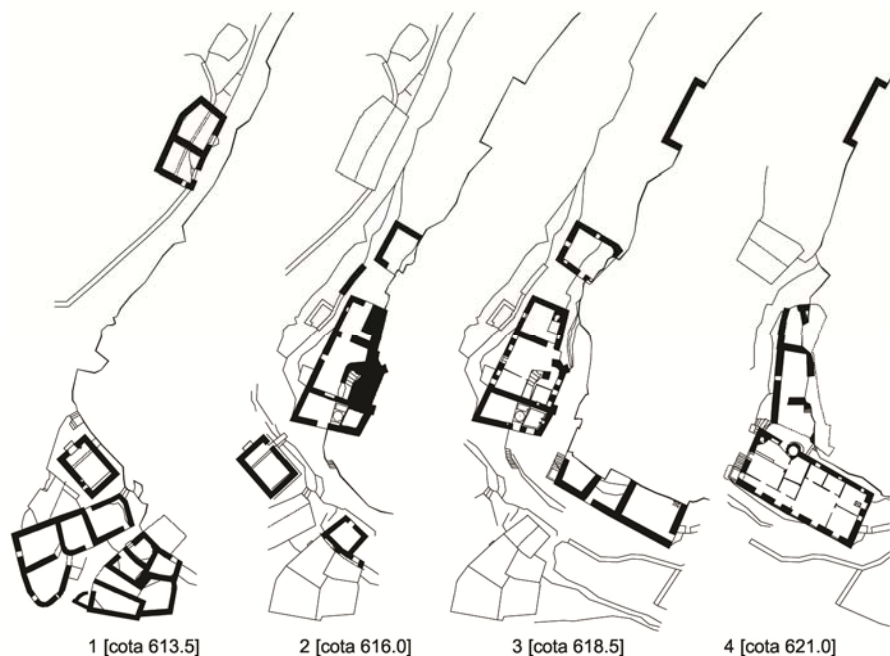


Fig. 1 Planta parcial do lugar da Drave (sete cotas diferenciadas), escala 1/1000 (mrc)

1. Introdução

O património construído em espaço rural tem sido objeto de um conjunto muito significativo de transformações no contexto das profundas mudanças que marcam o território português a partir do início da segunda metade do século passado. Nas regiões urbanas do litoral, constitui um testemunho de anteriores usos e atividades, persistindo no quadro da grande diversidade de formas e estruturas que caracterizam os fenómenos da urbanização extensiva. Nas áreas do interior, converte-se numa das expressões mais significativas de registo da transformação da cultura do habitar e do construir, num contexto marcado pela recessão demográfica e pela emigração. O propósito da presente comunicação é o de registar os diferentes modos de transformação das aldeias serranas do norte da Beira, sendo identificados quatro temas diversos que serão aqui reportados a quatro núcleos distintos: Drave, Parada de Ester, Albergaria da Serra e Paradinha.

2. Drave e a arquitetura tradicional das montanhas do norte da Beira

O estudo da arquitetura tradicional das serras do norte da Beira revela uma significativa diversidade de soluções que, em parte, poderá ser reportada aos temas da paisagem, considerando, por exemplo, a distinção entre as unidades ribeirinhas e as zonas altas de montanha ou a diversidade que caracteriza este território a nível litológico.

O maciço da Gralheira é marcado pela alternância de faixas de xistos e de granitos, com estes últimos a dominarem na Freita e os primeiros a marcarem as encostas de aproximação ao Paiva. Na outra margem do rio, o xisto mantém-se nas vertentes sul de Montemuro, enquanto o granito predomina nas terras altas e nas encostas norte. Marcada pela importância da alvenaria de pedra aparente como uma das características mais relevantes desta arquitetura, a imagem das aldeias registava, e nalguns casos regista ainda, esta alternância de xistos e granitos.

Será especialmente nos lugares mais altos que, ainda em meados do século passado, predominava a “casa terreira de montanha” de “elementar rudeza construtiva” a que Rocha Peixoto faz referência no artigo de síntese de 1904 sobre “a casa portuguesa”¹. É o que ocorre no Alto da Freita (fig. 4) ou de Montemuro onde “espalhadas na zona planáltica, entre a Gralheira e as ramificações de Leomil, há numerosas aldeias de cabanas baixas, cobertas de colmo”² que, na aproximação às zonas de xisto, dariam gradualmente lugar às lousas na cobertura destas pequenas edificações.

¹ Rocha Peixoto, “Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)”, p. 157.

² Maria Lamas, “As mulheres do meu país”, p. 134.



Fig. 2 Drave. Vista a partir de ponte (mrc)

Nas áreas de vertente e nas zonas ribeirinhas dos afluentes do Paiva e do Vouga, caracterizadas pela presença de bolsas de terras melhores, a casa serrana tenderá a adquirir uma maior diversidade morfológica que se acentuará, expressivamente, a partir da primeira metade do século XIX. Com muita frequência, a habitação aproximar-se-á aqui da descrição genérica da casa tradicional de dois pisos do norte do país, ainda que a escada exterior possa desaparecer com o aproveitamento da implantação em ladeira para garantir o acesso direto ao piso superior.

Uma das povoações que melhor traduz a característica implantação em vertente é o lugar da Drave (fig. 2), situado em zona de xisto, junto à ribeira de Palhais, entre São Macário e o alto da Arada³. O núcleo principal do lugar encontra-se implantado entre as cotas 606 e 630, com grande parte das edificações organizadas em dois pisos (fig. 1), compreendendo um segundo núcleo de currais, na margem oposta da ribeira, entre as cotas 615 e 625. Um dos aspetos fundamentais que o levantamento deste lugar revelou é a organização dispersa em diferentes edificações do conjunto de cômodos de um mesmo lavrador, entre dependências habitacionais, palheiros, currais de vacas e de cabras, casas da eira ou adegas.

³ Este lugar foi objeto de um levantamento do conjunto dos edifícios executado por Miguel Reimão Costa, Nuno Reimão de Brito Peres e João Reimão Ferreira da Silva durante o mês de Agosto dos anos de 2010 e 2011. O autor agradece à Câmara Municipal de Arouca a cedência do levantamento topográfico que serviu de base à realização do desenho. Este levantamento foi realizado para o artigo "A casa de baixo e a casa de riba na Drave: Crónica de um lugar do maciço da Gralheira" que será publicado em breve.

Em qualquer caso, a pequena habitação com um único compartimento, muito presente no Portugal transmontano de quinhentos⁴, acabará por manter a sua importância, nestas áreas, ainda na primeira metade do século passado,

3. Parada de Ester e a arquitetura do tabique

Se na organização do espaço interior da habitação, as divisórias de tabique estavam presentes nas diversas subunidades serranas (especialmente, a partir da primeira metade do século XIX), já enquanto sistema empregue no exterior poderemos encontrar duas situações muito diferenciadas. Nas zonas de cumeada e nas vertentes sul da Freita e da Arada, o recurso aos sistemas ligeiros tenderá a restringir-se a alguns raros tabuados, enquanto nas vertentes voltadas ao Paiva e na serra de Montemuro, a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX serão marcadas pela presença cada vez mais expressiva das construções com andar de taipa de fasquio ou de tabique associado a um leque diversificado de revestimentos, marcando a aproximação à região do Alto Douro onde estas soluções se tornarão particularmente relevantes⁵.

A povoação de Parada de Ester constitui, a este nível, um dos exemplos mais interessantes da área em análise, considerando a diversidade de soluções, a nível morfológico e construtivo, da arquitetura do tabique que aqui se poderão encontrar. Trata-se de uma das aldeias localizadas nas vertentes de xisto de Montemuro voltadas ao Paiva e ao maciço da Gralheira. Já na transição para o último quartel do século XIX, Pinho Leal distinguia Parada de Ester pelos seus "bons prédios, construídos elegantemente, bem pintados e cuidados", mesmo se cobertos por lajes de xisto ou granito (dada a ausência de fornos de telha)⁶. A estrutura irregular de veredas apertadas que organiza os vários núcleos antigos da aldeia contrastava, assim, com a presença de algumas edificações notáveis e de maior dimensão.

A imagem da aldeia foi objeto de uma significativa transformação, a partir da segunda metade do século XIX, nalguns casos associada ao emigrante *brasileiro de torna-viagem*, que comportou a implantação de novas edificações e a transformação de outras preexistentes, num período marcado pela crescente importância da construção parcial ou integral das paredes exteriores dos pisos superiores em tabique. Esta condição vem juntar à arquitetura das edificações de alvenaria de xisto, uma dimensão mais graciosa conferida por soluções diversas de revestimento, que se juntam aos tabuados exteriores, desde a taipa de fasquio pintada a cal, às chapas onduladas de zinco de cores diversas (fig. 3). A partir do segundo quartel do século passado generalizou-se também o revestimento com placas de fibrocimento aplicadas em losango diretamente sobre o tabuado vertical, solução que, nalguns casos, poderá ter substituído as soletas de ardósia que hoje se encontram praticamente ausentes na povoação.

⁴ Manuel Silvio Alves Conde e Marina Afonso Vieira, "A habitação e a arquitectura corrente do Norte Trasmontano em finais da Idade Média", p. 5.

⁵ Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, "Arquitectura tradicional portuguesa", p. 146.

⁶ Augusto Soares de Pinho Leal, "Portugal Antigo e Moderno", Vol. VI, p. 457



Fig.3 Parada de Ester (mrc)

Esta arquitetura do tabique junta vários temas, como a presença da cor, a diversidade formal da cobertura, o recurso a pendentes acentuadas nos telhados com aproveitamento do desvão, a integração frequente de trapeiras ou a presença dos beirados *alpendrados* em madeira com lambrequins, que poderão aparecer combinados num processo de miscigenação com a arquitetura preexistente (da alvenaria de pedra e das lousas que se mantêm na cobertura), adquirindo uma expressão que, ainda que de forma modesta, remete para alguns dos temas da arquitetura dos *chalets* e do Romantismo. A presença generalizada do tabique adquirirá simultaneamente uma dimensão *urbanística*, na medida em que corresponde a um quadro mais diverso de soluções na relação do edifício com o espaço público, conformada por corpos balançados, varandas, passadiços e cobertos que chegarão a atravessar a rua dum lado ao outro.

4. Albergaria da Serra e a casa do emigrante

Um dos temas mais recorrentemente associados à transformação dos povoados de montanha do norte do país corresponde à casa do emigrante, construída, em especial, a partir das décadas de setenta e oitenta do século passado. Entre os lugares das cumeadas da Freita e da Arada onde a presença da casa do emigrante é particularmente expressiva, poderíamos distinguir a aldeia de Albergaria da Serra que, na primeira metade do século passado, se restringia a um núcleo de edificações indiferenciadas de alvenaria de granito encimadas por coberturas de duas ou mais águas de lousa ou colmo fixo por varedos em tesoura (fig. 4).



Fig.4 Albergaria da Serra, 1920 (Filomeno Silva, "Arouca d'ontem", p.137)

A profunda transformação que marcará a aldeia, a partir do terceiro quartel do século passado, está justamente associada à característica morfologia da casa do emigrante que tenderá a constituir um espaço de representação do sucesso do seu proprietário (fig. 5).

Se, por um lado, uma parte significativa dos elementos formais que constroem essa representação (e que não são sequer, na sua maioria, exclusivos da casa do emigrante) se pode estender a toda a geografia da emigração no norte do país, por outro, é possível reconhecer, em cada área, uma significativa diversidade de soluções, mesmo quando estão ausentes os modelos mais *insólitos* (que aqui se tenderão a localizar nas zonas mais baixas do povoamento disperso).

Nesta área, a forma mais comum corresponde, no entanto, a um edifício de dimensão significativa, de dois pisos com um terceiro no desvão do telhado de duas águas (ligeiramente saliente na empena), com diversas pequenas trapeiras (ou uma maior que se poderá estender a quase toda a largura), distinguindo-se nas áreas de granito pela presença dos blocos serrados praticamente ausentes nas regiões do xisto.



Fig. 5 Albergaria da Serra, 2010 (mrc)

Para lá das diferentes perspetivas que se tenderão a opor entre as apreciações negativas ou de defesa desta arquitetura⁷, importaria no presente contexto retomar a leitura da casa do emigrante enquanto forma onde se combina o desígnio de renúncia à morfologia, escala e materialidade da arquitetura tradicional (que remetem, no entendimento dos seus proprietários, para os períodos de *pobreza e miséria*) com a preservação de determinados hábitos da cultura tradicional que se procuram, apesar de tudo, conciliar com a importância conferida aos espaços de representação.

Esta questão está aqui relacionada, por exemplo, com a reconfiguração de alguns elementos da arquitetura tradicional, como a escada exterior e a varanda de acesso à habitação, bem como com a duplicação de alguns espaços interiores como a cozinha⁸.

⁷ Ou como refere Nuno Portas: “É fácil fazer o processo das ‘casas de emigrantes’ apontando os casos mais extravagantes e denunciando as suas evidentes incoerências face à morfologia local; como é fácil, por outro lado, fazer o elogio deste exotismo considerando-o como um novo vernacular tão ao gosto do ecletismo pós-moderno, que tudo legitima em nome das diferenças”. Roselyne de Villanova, Carolina Leite, Isabel Raposo, “Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal”, p. 9.

⁸ “No interior dois mundos opostos compatibilizam-se, e coexistem: uma cozinha moderna duplicada por uma cozinha tradicional, que continua a ser o lugar de convívio. Aquecimentos duplicados por lareiras, salas que ninguém usa. A não ser para receber visitas de longe, mais longe do que a aldeia. Uma nova organização da vida doméstica”. Filomena Silvano, Tereza Coelho, “Sobre a construção de uma casa”,

Mas também a própria coexistência de edificações tradicionais edificações de construção recente resulta do conciliar de dois modos distintos de habitar, já que a nova habitação estará, frequentemente, associada à preservação de antigas construções (com manutenção das coberturas de lousa e substituição do colmo por telha de marselha) que poderão servir de dependências de arrecadação, cozinha de fumeiro ou até de palheiros e currais (especialmente nas casas dos primeiros emigrantes a voltar definitivamente)⁹.

A nova casa continuará a inscrever-se, deste modo, numa das dimensões que anteriormente enunciamos relacionada com a tradicional desmultiplicação da habitação em diversas construções dispersas na aldeia. Esta condição, particularmente relevante num primeiro tempo, tenderá a perder expressão nas edificações construídas em períodos mais recentes que, em muitos casos, parecem registar um afastamento em relação às formas da economia tradicional. Algumas destas casas acabarão, mesmo, por se libertar da maior proximidade ao núcleo antigo da aldeia, alargando o seu perímetro, como ocorre no Merujal, ou conformando o “bairro dos Emigrantes” expressão fixada numa placa que se poderá ler à entrada da aldeia de Bondança.

5. Paradinha e a [re]invenção de uma tradição

A par dos processos de emigração e desertificação já muitas vezes caracterizados nestas, como noutras áreas de montanha do interior do país, têm adquirido gradualmente maior importância os fenómenos relacionados com o turismo cultural e com a presença da segunda habitação nestas geografias. É nas vertentes de xisto a poente de São Macário, entre as margens do rio Paivó e da ribeira de Deilão (afluentes do Paiva), que se encontram grande parte dos conjuntos melhor preservados da arquitetura tradicional do maciço da Gralheira.

Ainda que os aglomerados localizados no interior desta área não tenham integrado nenhum dos Programas de Revitalização das povoações das *áreas de baixa densidade* (ao abrigo do terceiro quadro comunitário de apoio), em muitos casos acabarão por se inscrever no imaginário das *aldeias tradicionais*, o que tanto poderá ocorrer com algumas povoações maiores (Covelo de Paivó, Regoufe, Covas do Monte e Covas do Rio), como com lugares de menor dimensão e onde é mais marcado o processo de despovoamento (como Drave, Fujaco, Pena, Meitritz, Janarde ou Paradinha).

Alguns destes aglomerados acabarão por constituir os espaços privilegiados para a construção da habitação de recreio que se inscreve na redescoberta dos territórios rurais e num imaginário pastoral de construção desta arquitetura, retomando, em termos discursivos, a importância da habitação tradicional e assumindo o desígnio da sua representação, não apenas a partir da intervenção em estruturas preexistentes, mas também da construção de novas edificações.

p. 64. Ver Também Roselyne de Villanova, Carolina Leite, Isabel Raposo, “Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal”, p. 157.

⁹ Cf. Adelino Gouveia, “Lógica de funcionamento económico e social de duas freguesias”, p. 28.



Fig. 6 Paradinha (mrc)

Em qualquer caso, este desígnio não resulta necessariamente num conhecimento efetivo da arquitetura vernacular e tenderá a coligir um conjunto de temas que tanto podem ser característicos desta região como se inscreverem numa *cartilha* sem território de (re)invenção das morfologias tradicionais que, nalguns casos, poderá mesmo invocar alguns tópicos da arquitetura “à antiga portuguesa”.

Muito frequentemente, a intervenção sobre as edificações preexistentes será objeto de um processo de renovação ou reconstrução com recurso a estruturas de betão armado e a técnicas de revestimento que procuram recriar a materialidade da arquitetura local com maior ou menor atenção aos sistemas construtivos tradicionais. Simultaneamente, é comum a introdução de alguns outros temas incaracterísticos da arquitetura tradicional destes territórios, como o alpendre, as guardas de madeira e os corpos balançados ou as portadas exteriores de madeira. Independentemente dos equívocos que poderão aparecer associados a esta arquitetura, o seu propósito é a aproximação à expressão da arquitetura tradicional, como é especialmente evidente no lugar da Paradinha junto ao rio Paiva (fig. 6).

Por contraposição com as casas do emigrante, em que se pretendia renunciar à imagem da arquitetura tradicional sem se conseguir libertar completamente dos modos de habitar que lhe eram inerentes, estas novas edificações aspiram frequentemente a representar as antigas casas das áreas de montanha sem experimentar, em contraponto, qualquer afinidade relevante com a sua cultura do

habitar. Este quadro genérico que temos considerado deverá, em qualquer caso, ser relativizado, na medida em que não corresponde, ainda, a uma mudança integral da imagem destes lugares, comportando, na maior parte dos casos, um número reduzido de edificações disperso entre outras melhor ou pior conservadas.

Se o processo de recessão demográfica levou ao abandono e à ruína de alguns dos pequenos lugares serranos, outros, como o núcleo da Paradinha, acabariam, assim, por se converter em povoações de ocupação sazonal sem moradores permanentes. Este é também o caso do lugar da Drave que, perdendo os últimos residentes no início da década de 1990, tem assistido, por um conjunto de circunstâncias diversas, a um interessante processo de conservação de algumas edificações tradicionais e de uma parte significativa do património construído local.

6. Considerações finais

Ainda que fosse possível evocar outros momentos de transformação desta arquitetura – desde as mudanças do sistema predial do século XIX à exploração do minério, em especial, durante a segunda grande guerra – é, fundamentalmente, a partir do início do último quartel do século passado que as aldeias dos maciços da Gralheira e de Montemuro serão objeto de uma transformação mais profunda. Este processo não adquirirá, no entanto, uma expressão idêntica nos diferentes lugares ou nas diversas subunidades de paisagem.

Algumas das povoações maiores ou mais próximas dos centros urbanos e dos principais eixos de atravessamento da região serão sujeitas a um processo de substituição de arquiteturas associado, por vezes, a um acréscimo do número de fogos. Noutros casos, a transformação destes lugares será especialmente marcada pela casa do emigrante, como ocorre, por exemplo, nas aldeias mais distantes, localizadas nos altos das serras. Durante este período, a grande maioria dos lugares serranos será marcada, por um acentuado decréscimo demográfico que, nalguns casos, resultará na conversão de núcleos de menor dimensão em lugares desabitados ou de ocupação sazonal.

O vínculo que, a nível da economia tradicional, se estabelecia entre aglomerado e área de recursos concernente, perderá relevância, comportando o abandono dos campos e das leiras em redor das povoações deixadas aos matos ou à floresta. É neste contexto, que importa distinguir também algumas aldeias, como Regoufe ou Covas do Monte, onde ainda hoje se mantêm alguns dos hábitos da economia tradicional relacionados com as práticas agrícolas ou com o apascentar dos rebanhos em comum nas terras mais altas.

É perante este quadro de diversidade, nem sempre considerado a nível da caracterização genérica destes territórios, que importaria refletir sobre os modelos adotados nos documentos estratégicos ou nos instrumentos de ordenamento do território, já que, em muitas circunstâncias, tenderão a conferir um papel idêntico a cada um destes núcleos, não discriminando as diversas aptidões ou o carácter específico que poderá compreender cada uma das aldeias serranas.

Bibliografia

Conde, Manuel Sílvio Alves; Vieira, Marina Afonso. "A habitação e a arquitectura corrente do Norte Trasmontano em finais da Idade Média". In Iria Gonçalves (coord.) – Paisagens Rurais e urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Univ. Nova de Lisboa, 2004, p. 65-122.

Gouveia, Adelino, "Lógica de funcionamento económico e social de duas freguesias". In Arouca: aspectos sócio-económicos da serra da Freita. Lisboa: S. P. de Estudos Rurais, 1987, p. 21-39.

Lamas, Maria, "As mulheres do meu país". Lisboa: Actúalis, [1950].

Leal, Augusto Soares Pinho – "Portugal Antigo e Moderno". Vol. VI [1875]. Lisboa: Cota d'Armas, 1990.

Oliveira, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando, "Arquitectura tradicional portuguesa". Lisboa: Dom Quixote, 1994

Peixoto, Rocha, "Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)". Lisboa: Dom Quixote, 1995.

Silva, Filomeno, "Arouca d'ontem: estudo toponímico e álbum fotográfico". Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1993.

Silvano, Filomena; Coelho, Teresa, "Sobre a construção de uma casa". *Antropologia Portuguesa*. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Volume 11 (1993), p. 59-65.

Villanova, Roselyne de; Leite, Carolina; Raposo, Isabel, "Casas de sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal". Lisboa: Salamandra, 1995.